

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Pró-Reitoria de Educação Continuada
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Ciência da Religião

André Luiz Junqueira dos Santos

OS BRAÇOS DE DESCARTES NA CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
uma reflexão acerca da relevância da primeira regra do método cartesiano com o
método da Ciência da Religião

São Paulo

2017

ANDRÉ LUIZ JUNQUEIRA DOS SANTOS

**OS BRAÇOS DE DESCARTES NA CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
uma reflexão acerca da relevância da primeira regra do método cartesiano com o
método da Ciência da Religião**

Monografia apresentada ao programa de educação continuada em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Eulálio Avelino Pereira Figueira.

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Pró-Reitoria de Educação Continuada
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão
Ciência da Religião

Prof. Dr. Frank Usarski- PUC São Paulo (Banca Examinadora)

Prof. Dr. João Décio Passos- PUC São Paulo (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Eulálio Avelino Pereira Figueira- PUC São Paulo (Orientador)

São Paulo

2017

A minha família por todo o incentivo oferecido não somente para com esta obra, mas sim, por todo meu percurso perante as adversidades vida.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores do curso de especialização em Ciência da Religião do COGEAE, que contribuíram direta ou indiretamente para a produção desta obra.

A todos os colegas do curso, por terem fomentado discussões salutareis, contribuindo assim, para um crescimento dentro dos temas estudados.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eulálio Avelino Pereira Figueira, que tornou possível a realização deste trabalho.

“A vida se divide em três períodos: aquilo que foi, o que é e o que será. O que fazemos é breve, o que faremos, dúbio, o que fizemos, certo.” (SÊNECA).

RESUMO

O presente trabalho trata da relevância do método como um guia para a obtenção de um conhecimento dentro da esfera da Ciência da Religião, assim como, a significância que a primeira regra do método cartesiano teve para a constituição de um programa científico-religioso. O objetivo consiste em analisar e traçar um diálogo entre a primeira regra do método cartesiano, com o conceito de método trabalhado pela Ciência da Religião, mostrando que as descobertas obtidas por esta ciência, podem carregar consigo, traços e influências desta regra, edificada antes mesmo da constituição de uma área acadêmica direcionada ao saber religioso. A metodologia utilizada foi a de analisar obras de referência acadêmica dentro da Ciência da Religião, assim como, a própria primeira regra do método cartesiano, para que então, fosse possível adentrar, analisar e evidenciar se ambas possuem um diálogo salutar. A proposta em desenvolver um diálogo entre Ciência da Religião e Filosofia, propriamente dita aqui como a primeira regra do método cartesiano, teve por motivação o desejo em explicitar a possibilidade do diálogo entre essas duas áreas do saber, assim como, mostrar que o conhecimento científico religioso, para evidenciar um saber, muitas das vezes, necessita de outras áreas do conhecimento, assim como necessitou, para a sua própria constituição o subsídio de outras esferas do saber, dentre elas, a filosofia. Atingidos esses objetivos, foi possível constatar que o conceito de método utilizado pela Ciência da Religião, compactua com a concepção do método cartesiano, assim como dialoga de maneira eficaz com sua primeira regra.

Palavras-chave: Método. Primeira regra do método cartesiano. Ciência da Religião. Filosofia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O caminho histórico da Ciência da Religião e como essa se constitui como um conhecimento científico	13
2 O método como norte ao conhecimento na Ciência da Religião	24
2.1 Bacon e Descartes: os doutores do método.....	26
3 Os “braços de Descartes na Ciência da Religião	35
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

É evidente que está enraizado na natureza humana, o desejo de desvelar toda obscuridade que permeia tanto a mente quando a própria realidade na qual o homem se inseriu. Desvelo este, que não advém da tão “brilhante” e enaltecida era tecnológica na qual implantamos e tanto “veneramos”; esta nada mais é, do que um “fruto” que foi (e está sendo) colhido a partir do momento em que o *anthropos*¹ descobriu que era capaz de usar seu *lógos*² para “tirar o véu” de toda (ou pelos menos parte dela) ignorância que o circundava (e ainda o circunda). A partir do momento em que o homem inclina-se, não primeiramente para dar respostas, mas sim, para gerar questionamentos acerca do que está tanto interno quanto daquilo que transpassa a própria mente (refiro-me aqui à realidade externa) e a partir daí, gerar uma resposta amparada pelo *lógos*, inicia-se o que conceituamos por conhecimento, ou melhor, utilizando aqui, um termo em que os filósofos gregos denominavam por *episteme*³. A *episteme* nada mais é do que uma consequência gerada pela dúvida, onde a relação de intimidade e dependência entre ambas é evidente; intimidade no sentido de ambos os conceitos estarem vinculados no intelecto humano, já a dependência, é vista pela necessidade em que a *episteme* adquire em relação à dúvida, necessidade esta, que está amparada pela própria existência e “sobrevivência” desta, pois sem a dúvida, o tão enfatizado conceito acerca da possibilidade do conhecimento defendido pelos filósofos gregos seria inexistente.

A dúvida, não pode se “encarada” como uma inexistência de pensamento ou até mesmo do próprio conceito de conhecimento, mas sim, deve ser examinada e compreendida como uma suposta suspensão deste, pois o ato de duvidar pressupõe que haja na mente humana, um conceito ou até mesmo um tipo de conhecimento na qual o *anthropos* indaga sua veracidade. Esta pode ser investigada em diversos aspectos, sendo elas: a dúvida como atitude, como elemento vinculado à fé ou como método; sendo o terceiro item, objeto de investigação do presente trabalho.

Já em relação ao conceito de *episteme*, faz-se por necessário, remetermos aos filósofos gregos, que adotaram este, como forma para explanar o que entendiam por “saber” ou mesmo por “ciência”. Aqui, vale ressaltar o que Platão concebia por este conceito; para ele, a *episteme* representava e fundamentava um conhecimento seguro e verdadeiro, ou seja, uma

¹ *άνθρωπος*: Ser humano na língua grega.

² *λόγος*: Aqui, compreende-se como a capacidade racional/lógica do ser humano.

³ *ἐπιστήμη*: *Episteme*.

resposta que contrapunha ao conceito doxa⁴, isto é, aquela opinião superficial, sem fundamento e embasamento, onde o logos é velado e esquecido; cabe, portanto ao filósofo, desvelar e combater toda a obscuridade pairada na doxa. Sendo assim, a discussão acerca tanto da possibilidade quanto da maneira, assim como do desejo de se conhecer o objeto estudado, embasado em uma estrutura racional/lógica, fundamentado por um método epistemológico, não é próprio do mundo contemporâneo, mas possui seu prelúdio na Grécia antiga, perpassando a Idade Média e se estruturando como um dos debates centrais na Idade Moderna, onde a preocupação com o método por parte de alguns filósofos (na qual René Descartes e Francis Bacon estão inseridos) eclode e faz com que as reflexões acerca da possibilidade do conhecimento ganhem um espaço “precioso” na mente destes pensadores.

Como citado no primeiro parágrafo, está implícito na psiché⁵ humana o desejo de responder e esclarecer dúvidas tanto em relação ao meio em este vive quanto à própria significação deste no mundo. Mas como atingir este objetivo? Qual seria a maneira na qual a humanidade encontraria para satisfazer suas inquietações do mundo e do próprio ser? Como estabelecer um conhecimento plausível, onde possamos minimizar as possíveis falhas? É possível estabelecer uma episteme ou toda realidade seria embasada na mera doxa?

Ora, a ciência seria uma resposta evidente para estas dúvidas que nos assombram, contudo, esta por si só (como um conceito), não consegue elucidar e esclarecer perturbação alguma. A ciência ao longo da história da humanidade irá apossar-se de uma “ferramenta” que a partir daí, fará uma comunhão inseparável, onde uma fornecerá subsídios e “caminhos” para outra, isto é, ambas buscarão proporcionar tanto uma estrutura assim como uma base sólida para fundamentar suas elucidações, ferramenta esta, que conhecemos pelo nome de método. Porém, ao falarmos em ciência no sentido contemporâneo, com seu método de pesquisa na qual estamos “familiarizados”, não podemos ignorar séculos de trabalhos intelectuais na busca de um “norte” para fundamentar determinado conhecimento; o método na qual a ciência irá embasar suas respostas, não é mérito da contemporaneidade, mas sim, de um empenho intelectual traçado e desenvolvido séculos atrás. Promover a importância do método na ciência é o mesmo que ressaltar a relevância do discurso lógico/racional na filosofia; ambas estão tão entrelaçadas e dependentes uma da outra, que fica inconcebível pensá-las isoladamente.

Agora, suponhamos aplicar toda estrutura do método, assim como o desejo da ciência em alcançar um saber sólido e fundamentado em algo que aparentemente ou pelos menos pela

⁴ δόξα: Doxa.

⁵ Ψυχή: Psyché; entendido aqui como alma, não no sentido religioso, mas como atividade mental.

ótica do senso comum, seja intocável e muitas das vezes, um tanto inviolável; algo este, que sustenta e oferece à grande parte da humanidade, subsídios não na maioria das vezes material, mas sim, de cunho transcendental, onde suas inquietações de âmbito existencial serão respondidas, trazendo assim a estes, um conforto e um direcionamento às suas vidas.

É justamente neste momento, onde adentra uma área acadêmico-científica, que busca estudar e desvelar aquilo em que a humanidade muitas das vezes, concebe por algo precioso e sagrado, isto é, a religião. Como disciplina acadêmica, a Ciência da Religião, possui por objetivo, analisar e perscrutar informações dentro da esfera religiosa, partindo do princípio de que esta, busca uma resposta de cunho sistemático e objetivo, fugindo assim, de toda subjetividade que permeia a doxa.

Seria então possível, estudar a religião em uma perspectiva científica? É aceitável aplicar o método da ciência em algo que ofereça respostas fora da dimensão empírica? Não seria a ciência da religião uma “irmã siamesa” da teologia?

O papel de Ciência da Religião dentro e fora do meio científico consiste em divulgar a estes, que há sim, uma possibilidade de alcançar uma episteme dentro da esfera religiosa, sem macular e denegrir tanto a instituição quanto aqueles que a seguem. Para isso, é imperativo compreender o que realmente busca a Ciência da Religião, como ela se estruturou dentro do meio acadêmico, como esta, utiliza o método para buscar suas respostas, assim como, entender também, a relevância da filosofia moderna na edificação e no aprimoramento deste (método), como forma de atingir um conhecimento seguro e fundamentado.

Portanto, filósofos como Bacon e Descartes, são de extrema importância quando se trata de estudar e perscrutar como o método é indissociável da esfera científica, na qual a Ciência da Religião comunga e a utiliza como embasamento epistemológico; ambos os filósofos, enfatizaram e trouxeram à tona, o valor que o método possuiu e ainda possui para se chegar a uma fonte segura de conhecimento, ou seja, um meio do *anthropos* atingir uma episteme.

O presente trabalho, possui por finalidade, traçar o apogeu da Ciência da Religião, mostrando assim, como esta adquiriu um caráter científico, como o método é imprescindível como ferramenta para arquitetar um conhecimento seguro, assim também, a relevância de Francis Bacon e René Descartes no aprimoramento deste, como instrumento utilizado pelo cientista da religião, tendo como cerne do trabalho, a discussão acerca da possibilidade do diálogo entre a primeira regra do método cartesiano, com a Ciência da Religião.

O trabalho partirá do princípio, onde o primeiro capítulo terá por objetivo, uma explanação ao leitor, de como a Ciência da Religião se estruturou durante seu percurso histórico, assim como esta, se desenvolveu como um conhecimento de cunho científico.

Partindo para o segundo capítulo, este por si, objetiva evidenciar, tanto como o método é imprescindível para a ciência na obtenção de um saber, assim também, como este se compõe como uma ferramenta necessária para a Ciência da Religião no quesito de busca ao conhecimento. Aqui faz-se por necessário, um subcapítulo, onde este irá enaltecer a relevância de pensadores como Francis Bacon e René Descartes para o estudo e aplicação do método como norte ao saber científico.

Já adentrando ao capítulo terceiro, este terá por desígnio, justificar o título da obra, ou seja, seu objetivo consiste em esclarecer ao leitor, o motivo da relação entre o método cartesiano, mais precisamente sua primeira regra, com a Ciência da Religião, isto é, seu direcionamento consiste em buscar traçar um diálogo salutar com as duas esferas do saber, mostrando que a base epistemológica para adquirir um conhecimento dentro da esfera científico-religiosa, pode dialogar com a primeira regra do método cartesiano.

1 O caminho histórico da Ciência da Religião e como essa se constitui como um conhecimento científico

Ao buscar compreender como o cientista da religião obtém suas informações empíricas acerca do seu objeto de estudo (religião ou religiões), é mister retornar não somente ao apogeu da Ciência da Religião como disciplina autônoma e acadêmica, mas é de suma importância, ressaltar que houveram pesquisas (não no sentido metodológico moderno) acerca do “mundo religioso”, antes mesmo desta, se tornar uma ciência; pesquisas estas, advindas de culturas e períodos longínquos de nossa história. É imperioso aqui, compreender e perpassar pelo caminho histórico que esta área do saber percorreu, para que então, possa-se compreender como a Ciência da Religião se estruturou ao longo da História, assim como, se fundamentou como uma disciplina de cunho científico-acadêmico.

A busca de uma compreensão e um saber acerca das religiões, não possuiu seu apogeu com a Ciência da Religião propriamente dita, mas este anseio, já estava incluso em culturas passadas, como na Grécia antiga, onde Heródoto já possuía o desejo em desvendar costumes religiosos de povos egípcios, babilônicos e persas, ou seja, o empenho acerca da busca pelo conhecimento religioso alheio, não é fruto de um ambiente institucional-acadêmico. Contudo, se quisermos alcançar um entendimento da religião ou religiões, dentro do meio científico, devemos sim, “regressar” na História, pois esta irá nos oferecer aparatos essenciais, na compreensão e formulação de uma ciência empírica no campo religioso.

Esse regresso nos remeterá à sociedade grega do final do século VII a.C ao início do século VI a.C, onde filósofos como Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Xenófonos de Cólofon já discutiam problemáticas de âmbito religioso, não com um viés destrutivo ou até mesmo preconceituoso das práticas religiosas, mas buscando sim, um saber amparado no logos isto é, uma ótica racional e sistemática, voltada ao saber fora do senso comum. Já com Evêmero, escritor inserido historicamente no período helenista, possuía como fundamento, que tanto os mitos quanto as divindades seriam rememorações tanto de situações quanto de indivíduos históricos vividos no passado, ou seja, aqui há um anseio por parte do escritor em responder antropologicamente situações de cunho religioso. Durante o século XII, houve o crescimento de inúmeros intelectuais com denominação leiga, que contribuiriam para romper com a linha da História escrita pelos clérigos, construindo e valorizando o progresso humano no ambiente da história mundana, onde possivelmente, tendo como fundamento este conceito, a geração de séculos à frente, o que conhecemos por História das Religiões.

Dando um salto do século XII para o século XVIII, (vale ressaltar que durante esse intervalo de séculos, houve inúmeros contribuintes para um estudo de cunho científico da esfera religiosa), temos o que denominamos “mentor” do estudo científico da religião; David Hume estava inclinado a perscrutar seu objeto de estudo não com a perspectiva de defesa desta, mas buscava compreender a religião pelo viés racional, perspectiva esta, que posteriormente foi retomado por filósofos como Rousseau, Kant, Schleiermacher, Hegel, Schopenhauer e Johann Gottfried Herder, onde este último enalteceu a importância em olhar historicamente tanto para a filosofia, quanto para a religião.

Apesar de todo esse quadro de teóricos que possuíam uma inclinação ao estudo da religião, não se pode afirmar que a Ciência da Religião como disciplina acadêmica e autônoma já estaria estabelecida em suas respectivas épocas, pois isso só iria acontecer na Europa da segunda metade do século XIX para o século XX, como afirma o professor e cientista da religião Frank Usarski.

No decorrer da segunda metade do século XIX, aumentaram os sinais de uma consciência disciplinar cada vez mais consolidada. Uma das primeiras expressões dessa tendência encontra-se no uso aperfeiçoado do termo “Ciência da Religião”, que deixa de ser uma nomenclatura vaga e aleatória e assume uma denotação específica apontando para uma matéria acadêmica própria. (USARSKI, 2006, p. 56).

Porém, se quisermos adentrar especificamente no cerne da constituição da Ciência da Religião como disciplina autônoma, devemos nos inclinar na compreensão de fatores históricos ocorridos durante o século XIX.

Durante este século, ocorreram no Ocidente, inúmeros fatores que proporcionaram e fomentaram o anseio em estudar a religião tanto com expectativas não apologéticas quanto por um viés de cunho científico, ou seja, o “mundo ocidental” (mais precisamente a Europa) pós- guerra, que experienciava mudanças econômicas devido à revolução industrial, assim como, o enfrentamento de novas culturas devido às conquistas coloniais, colocaram principalmente a Europa em frente a “visões de mundo” que contrariavam a forma como este continente vislumbrava a realidade, fazendo com que estes, buscassem não somente uma nova forma de ler seu próprio “mundo”, mas também, de compreender como sociedades diversas, nas quais esta estava mantendo agora um “contato” mais direto, entendiam e buscavam respostas de cunho religioso, como ressalta Giovanni Filoramo e Carlo Prandi.

A revolução industrial, em seu interior, e as conquistas coloniais, em seu exterior, colocaram a cultura europeia diante de novas exigências de definição da própria capacidade de leitura tanto da sociedade ocidental quanto das sociedades com as quais o Ocidente havia estabelecido relações de domínio e de intercâmbio. (FILORAMO; PRANDI, 2016, p.6).

Toda essa mudança na compreensão europeia na leitura acerca da própria realidade, assim como, na realidade alheia deu-se também, não somente pelas ocasionadas guerras, mudanças econômicas e de contato com outras culturas; se quisermos aprofundar ainda mais sobre os elementos que motivaram um novo olhar na perspectiva religiosa, que posteriormente “gerou” uma ciência direcionada à religião, é imperioso ressaltar que houve a perda da primazia cristã perante o ocidente, assim também, um anseio de cada vez mais, buscar uma resposta sistematizada e crítica, onde o bojo teológico e filosófico deixa de ser a estrutura fundamental na aquisição de um conhecimento voltado a religião. E são justamente estes fatores, que fomentaram e auxiliaram na edificação de um estudo de esfera religiosa com uma perspectiva histórica, ou seja, é na metade de século XIX, que irá surgir uma disciplina intitulada História das Religiões,

...que se propunha como escopo o estudo comparado das diferentes tradições religiosas da humanidade então conhecidas, com o objetivo de reconstruir a história da evolução religiosa da humanidade. (FILORAMO; PRANDI, 2016, p.7).

Com o advento da disciplina História das Religiões, ficou imprescindível para aquele que desejava buscar um conhecimento de cunho histórico da religião (s), na qual o interesse poderia se inclinar tanto no aprofundamento de um segmento religioso de âmbito singular, quanto no estudo e comparação de religiões diversas, que foram edificadas em períodos e locais geográficos distintos, uma área do conhecimento intitulada Filologia, ou seja, um saber direcionado no estudo de textos/fontes (aqui, na esfera religiosa) originais; o autor Klaus Hock, defende que esta área do conhecimento dentro do campo científico da religião não só possuiu sua importância nos primórdios de um conhecimento histórico das religiões, mas que até os dias atuais, esta, forma uma base que sustenta e oferece subsídios que compõe a Ciência da Religião. “... no início da História da Religião estava a filologia. Até hoje, ela forma sua coluna vertebral e é imprescindível para grandes partes da pesquisa científico-religiosa”. (HOCK, 2010, p. 41)

A primeira cátedra em Ciência da Religião (com a nomenclatura de História Geral da Religião) foi edificada em 1.873 na universidade de Genebra na Suíça, assim como

posteriormente, o professor Joachim Wach em 1.924 na universidade de Leipzig, defendeu uma tese enaltecendo tanto a relevância quanto a obrigatoriedade da concepção empírico-histórica e sistemática dentro do estudo da Ciência da Religião. O ponto crucial para a constituição de uma Ciência da Religião como disciplina acadêmica foi promulgado pelo professor Friedrich Max Müller, onde este defendeu no prefácio de sua obra *Chips from a German*, que o termo Ciência da Religião deveria ter seu espaço como uma disciplina autônoma no meio acadêmico-científico.

É fato, que foram vários os contribuintes para o surgimento de uma ciência direcionada ao campo religioso, sendo que cada um destes, colaborou tanto em uma perspectiva direta quanto indireta na formação de uma disciplina voltada para o estudo científico da religião. Porém, uma ciência não é produzida aleatoriamente, esta, tanto necessita quanto é constituída por um método que trabalha justamente como um legitimador (indiferente do campo de estudo), de um conhecimento seguro e fundamentado.

Aos olhos do senso comum, é compreensível conceber a impossibilidade em relacionar ciência e religião, pois as esferas nas quais cada uma destas está inserida, ao modo deste (senso comum), não proporciona um caminho que levará ao conhecimento, onde o saber religioso para estes, não pode (ou até mesmo, não deve) ser absorvido pela esfera científica. Contudo, ao perscrutar uma resposta que não esteja permeada pelo conhecimento vulgar, encontramos uma ciência que busca sim, um conhecimento científico incluso no âmbito religioso.

A Ciência da Religião, assim como qualquer área acadêmico-científica, possui como objetivo, galgar a um conhecimento sólido e fundamentado; conhecimento este, que não se ampara no senso comum, mas busca por meio de um método, adquirir um saber de cunho direcionado à concepção grega de ciência, isto é, o saber com fundamento na episteme.

É imprescindível antes mesmo de adentrar no campo da Ciência da Religião, focarmos um pouco na diferença entre esta e a teologia, pois pode haver um equívoco na interpretação da nomenclatura Ciência da Religião e assim, relacionar erroneamente esta com a Teologia.

Segundo Udo Tworuschka, a Ciência da Religião seria uma “filha emancipada” da Teologia, pois, enquanto esta possui como fundamento básico, uma verdade última, onde afirma a existência de um ser sobrenatural (ou seres sobrenaturais), na qual não há a possibilidade em prosseguir seus estudos sem a crença neste (ou nestes), a Ciência da Religião se emancipa no sentido de não se “preocupar” com a existência de uma verdade última, isto é, para ela, a existência ou não de um ser sobrenatural não afeta seu objeto de pesquisa; sua intenção, não está na esfera apologética (intenção esta, que cabe à teologia), como afirma

Frank Usarski: “Aproxima-se de seus objetos por um interesse primário isento de motivos apologeticos ou missionários.” (USARSKI, 2006, p.17). Outra diferença que permeia o teólogo e o cientista da religião consiste na postura da compreensão em relação à religião estudada, ou seja, para o teólogo, o anseio não está somente em estudar a religião alheia, mas sim, em promover a sua própria fé para o outro, diferente do cientista da religião, que anseia não uma conversão, mas busca somente compreender como a religião estudada se estrutura e como o outro encara a sua própria esfera religiosa.

Embora os cientistas da religião tenham de superar sua presunção para conversar com sucesso, existe uma diferença entre eles e os teólogos quando se engajam em um diálogo inter-religioso. Os teólogos querem não apenas entender a religião do outro, mas também transmitir ao membro da outra religião algo sobre sua religião. Os cientistas da religião querem apenas entender o outro. (GRESCHAT, 2006, p. 86).

Mas como aplicar um estudo dentro do âmbito religioso, sem ser influenciado ou até mesmo, influenciar sua pesquisa? Haveria uma ferramenta para auxiliar o pesquisador nesta tarefa? Estas inquições são fundamentais, pois as respondendo, será possível explicitar e embasar como a Ciência da Religião se constituiu como um saber direcionado à ciência e como esta, se fundamenta como um conhecimento científico.

Ora, a primeira “ferramenta” a ser utilizada pelo cientista da religião, consiste no que os gregos chamavam de epoché.⁶ É por meio dela, que o pesquisador e cientista da religião deverá se orientar para obter um resultado longe de influências, preconceitos e até mesmo, críticas pejorativas acerca do seu objeto de estudo. O termo epoché pode ser trocado também pelo que os pesquisadores da religião denominam de “ateísmo metodológico” ou até mesmo por “agnosticismo metodológico”, isto é, uma total “indiferença” acerca do seu objeto de estudo; aqui, o direcionamento epistemológico não está voltado para a defesa ou a crítica a uma determinada religião (ou religiões), mas possui por finalidade, adentrar no campo religioso, absorver seus saberes e retirar-se deste, sem macular ou criticar o objeto estudado.

Isso significa que a ciência da religião não instrumentaliza seus objetos em prol de uma apologia a uma determinada crença privilegiada pelo pesquisador. De acordo com essas ambições, a Ciência da Religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da “indiferença” diante do seu objeto de estudo. (PASSOS; USARSKI, 2013, p. 51).

⁶ εποχή: “Suspensão do juízo”. José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, Tomo II, p. 854.

Porém, ao se referir ao conceito de “indiferença” perante o objeto de pesquisa, faz-se por necessário explicar o que esta “indiferença” significa, ou seja, este conceito não está alicerçado na concepção de insignificância do cientista para com seu objeto estudado, não significando também, descaso ou insatisfação para com este. A “indiferença” nesta esfera de pesquisa, possui um significado de não envolvimento de questões de cunho particular do pesquisador para com seu objeto de pesquisa, isto é, cabe ao cientista da religião, “anular” momentaneamente suas convicções particulares acerca da cultura, costume e até mesmo da existência de uma última verdade, para que então, este possa se debruçar perante seu objeto de indagação com um “olhar” isento de julgamentos que possam influenciar e conduzir a pesquisa por uma área não científica. Sendo assim, a “indiferença” é necessária, assim como é também, a aspiração em alçar novos rumos ao conhecimento da religião na esfera científica, sem direcioná-la para um ou outro caminho que não seja uma resposta isenta de influências por parte do pesquisador. “... o que se exige do estudioso é que se aproxime com simpatia humana do seu objeto de estudo: nem mais nem menos.” (FILORAMO; PRANDI, 2016, p.21).

Por mais que saibamos que a produção científica é de total desenvolvimento do ser humano e que este por ser justamente humano é passível de erros e preconceitos, é imperioso precaver-se destes “deslizes”, que compõe a natureza humana. Ao atuar como cientista da religião (ou em qualquer outra área do conhecimento), não se pode em hipótese alguma, ser levado tanto por influências externas quanto por pensamentos preconceituosos acerca da religião estudada; a suspensão de juízo no âmbito da Ciência da Religião é mister, pois sem ela, é possível que o pesquisador “caia” em uma armadilha que não só o prejudicará, mas também, possibilitará que haja uma influência deste para com seu objeto de pesquisa. O cientista da religião Hans-Jürgen Greschat explicita essa concepção de maneira bem clara: “Cientistas são seres humanos”. Apesar disso, quando exercem sua profissão, não se devem deixar influenciar por sentimentos como “chato”, “horroroso” ou “fascinante.” (GRESCHAT, 2006, p. 23).

Contudo, pensar a Ciência da Religião como uma área isolada do saber acadêmico que basta em si mesma, não necessitando de nenhum outro auxílio, é compreender esta ciência de maneira equivocada, pois dentro do campo da própria Ciência da Religião, há uma comunhão de áreas do saber, que buscam trabalhar concomitantemente; pode-se até afirmar, que há um trabalho interdisciplinar, sem buscar ou até mesmo estabelecer uma hierarquia entre ambas.

Outro problema a ser elucidado, na qual Eduardo R. Cruz ressalta, consiste na visão errônea de que o ato de estudar a religião faz com que esta, perca toda sua essência,

culminando assim em um esvaziamento da riqueza religiosa; visão esta, que adentra em um campo totalmente equivocado, pois o objetivo do cientista da religião, consiste em justamente promover um desembaraço acerca daquilo que está embaraçado, descomplicar o complexo e assim, promover um desvelar daquilo que está velado.

Assim como a Ciência da Religião é uma área do saber, que se desenvolve na esfera acadêmica, que possui estruturas e bases epistemológicas características, amparando-se de dados empíricos, esta não busca o inalcançável dentro da esfera religiosa, mas tem como foco, o anseio pelo conhecimento daquilo em que é possível conhecer (dentro da estrutura empírica) e que se compõe como seu objeto de estudo, isto é, a religião. Sendo ela, uma área acadêmica, que possui um objeto de estudo específico, não está em sua estrutura epistemológica um conhecimento de cunho indiferente ou aleatório, esta ciência, carrega consigo questões que nutriram seu desenvolvimento, ou seja, que fizeram com que esta, pudesse se constituir como uma área do saber tanto de caráter específico assim como científico.

Portanto, tanto o interesse em conhecer religiões alheias quanto o crescente desejo em buscar um saber direcionado à concepção científica, fugindo assim, de uma ideia apologética e dogmática acerca da religião, compuseram os ingredientes fundamentais para a edificação de uma Ciência da Religião.

Contudo, uma ciência indiferente da qual seja, possui como “norte” a resolução de problemas, isto é, seu objetivo está em elucidar aquilo na qual a dúvida pairou; e como ciência, esta também deve percorrer “passos” aonde estes, conduzirão o pesquisador a uma suposta resposta. Assim não é diferente dentro da esfera da Ciência da Religião, pois como ciência, esta necessita também percorrer passos estabelecidos que nada mais são, do que um guia (s) para chegar à um saber.

É imperioso ao cientista da religião, saber o que buscar, ou seja, o início de um conhecimento científico (indiferente de área do saber) consiste primeiramente em formar perguntas. No campo da Ciência da Religião, alguns critérios não podem ser negligenciados, pois estes irão compor o primeiro passo ao conhecimento da religião na esfera científica.

O cientista deve se ater na relevância da problemática a ser estudada dentro da esfera religiosa; o problema levantado deve estar embutido não somente no campo científico, mas também religioso, assim como, na capacidade deste (problema), ser respondido pela própria Ciência da Religião.

Outro ponto a ser ressaltado, consiste no direcionamento em que o cientista da religião irá abordar o problema, ou melhor, a problemática está na esfera da religião estudada (histórica, cultural, moral, social etc.), ou esta diz respeito somente a uma dúvida singular do

pesquisador na qual abordará seu objeto de estudo com uma perspectiva de “desmascarar” a religião pesquisada? Ou conduzirá este, uma pesquisa direcionada a problematizar seu objeto de estudo, sem o intuito de desconstruir a “verdade” (para os que creem) do objeto estudado? Se a resposta se direcionar afirmativamente para a primeira questão, teremos um problema de cunho científico, pois como foi explanado acima, é imperioso que o pesquisador possua a capacidade e a destreza de não “contaminar” seu objeto de pesquisa, com questões de ordem pessoal ou apologética. Já obter uma resposta afirmativa acerca da segunda pergunta nos leva sim, a esfera científica da religião, pois neste âmbito epistemológico, o pesquisador direcionará sua inquietação, para uma suposta resposta isenta de tendências e intenções particulares, buscando compreender e explanar sua pesquisa em uma perspectiva elucidativa, assim como, comparativa de cunho histórico, cultural, político, filosófico, dentro da esfera acadêmica, proporcionando assim, um saber sem intenções maculares.

Dentro de toda essa esfera, tanto de problemas quanto de áreas a serem abordadas e estudadas, não se pode perder que o objeto de relevância a ser analisado, consiste na religião e suas expressões de caráter empírico, e que nem todas as perguntas acerca do que se compõe o estudo irão direcionar-se ao campo de respostas da Ciência da Religião, sendo que algumas delas terão uma inclinação a outros campos do conhecimento, como a psicologia, a filologia, a filosofia, a sociologia, enfim, como exposto parágrafos acima, a Ciência da Religião compõe-se como uma área autônoma, mas que dialoga ou até mesmo, necessita de outras áreas do saber para compor e estabelecer uma pesquisa com viés científico, daí que se afirma que esta ciência, possui um caráter pluridisciplinar.

Após esclarecer a importância assim como a relevância em possuir um objeto de estudo claro e distinto, é necessário adotar e coletar materiais para a fundamentação tanto teórica quanto empírica do objeto pesquisado, pois sem eles, a pesquisa científica não se fundamenta, ou como afirma Greschat: “Metaforicamente falando, é o “material” que alimenta a busca para a solução de problemas científicos.” (GRESCHAT, 2006, p. 35). Para o cientista da religião, a nascente dos materiais situa-se justamente nos seres humanos, pois são estes que produzem e praticam o objeto a ser estudado, tanto na perspectiva prática como cultos e ritos quanto literária, isto é, na capacidade destes em redigir estruturas que compõe sua religião.

Portanto, para podermos perscrutar e elucidar dentro da esfera científica, informações de âmbito religioso, é mister concebê-la como uma produção antropológica, ou seja, uma construção, onde o arquiteto é o próprio homem e inserido este em um contexto histórico, faz desta (religião), uma produção também histórica. Vale ressaltar que nesta perspectiva

epistemológica, a fé não entra como uma ferramenta que sustenta o saber adquirido pela experiência empírica, pois como foi elucidado anteriormente, não cabe ao pesquisador da religião, discutir acerca da verdade última e como esta (fé), não pode ser desvelada empiricamente, não nos cabe investigá-la.

O desejo em estudar a religião em uma perspectiva histórico-antropológica, que busca elucidar os problemas propostos no âmbito científico, necessita de um método como “norte” para a aquisição de um conhecimento sustentável empiricamente, onde Carlo Prandi e Giovanni Filoramo explicitam de forma bem clara:

...a religião, enquanto distinta do objeto de fé (por sua própria natureza inacessível à pesquisa empírica), é uma manifestação antropológica e histórica que pode e deve, como qualquer outro fenômeno humano, se sujeitar aos métodos da pesquisa crítica. (FILORAMO; PRANDI, 2016, p.09).

Ora, neste ponto, já é possível vislumbrar que a Ciência da Religião não está direcionada a uma doutrina apologética, sustentada pela fé, mas sim, direcionado a uma pesquisa no campo histórico-antropológico, onde os indícios acerca de um conhecimento científico já estão senão totalmente, pelo menos parcialmente evidenciados.

Outro ponto de relevância, ao buscar uma justificação da Ciência da Religião como um conhecimento científico, consiste em que esta, busca elucidar seu objeto de pesquisa por meio das manifestações empíricas, isto é, só é possível conhecer algo (no caso, a religião), se este se manifestar. Michel Meslin oferece uma reflexão pertinente ao se tratar do estudo da religião em uma perspectiva científica: “... julgo pertinente o fato de que a análise de uma religião através das suas manifestações é o caminho mais científico para captar-lhe a essência.” (MESLIN, 1992, p. 09,10).

Assim como a ciência busca elucidar o real empiricamente, a Ciência da Religião também o faz; assim como a ciência busca uma neutralidade do pesquisador para com o objeto de pesquisa, a Ciência da Religião assim também a faz; assim como, a ciência tanto utiliza quanto necessita de métodos para “nortear” sua pesquisa, a Ciência da Religião também não só igualmente a utiliza, mas também o necessita (do método). Portanto, é inegável que a Ciência da Religião se constitui como um conhecimento científico, sendo, portanto, justificável o uso da nomenclatura ciência, pois busca um conhecimento não subjetivo ou aleatório, mas um saber pautado no método, na empiria e na “indiferença” do pesquisador para com sua pesquisa.

Assim como a ciência busca um objeto de pesquisa específico, ou em outras palavras, um problema objetivo a ser elucidado, esta também possui áreas de pesquisas diversas, pois não há um único segmento de investigação dentro da esfera científica; de acordo com o problema levantado, a ciência direciona seu objeto de indagação a uma área em que esta possa ser respondida. Esta relação de diálogo com outras áreas do saber, também é evidente no campo do conhecimento científico religioso. O papel de Friedrich Max Müller na edificação de uma Ciência da Religião foi de extrema significância, pois além de ter sido um dos precursores (ou até mesmo o primeiro) na edificação desta ciência, este também contribuiu e promoveu uma divisão desta, que promoveria uma organização maior de seu estudo. Müller propôs uma Ciência da Religião dividida em duas esferas, sendo uma delas, o estudo da história da religião e outra, voltada para o ramo sistemático, isto é, as condições que fomentaram as religiões estudadas a se manifestarem, sendo assim, é possível evidenciar uma preocupação de Müller em direcionar o estudo da religião em áreas que pudessem ser mais bem absorvidas quanto desenvolvidas.

Pegando um gancho acerca do foi tratado nos parágrafos que antecede este, é possível realizar um singelo adendo a respeito da Ciência da Religião no Brasil, já que tanto a pesquisa quanto o pesquisador, provém de terras brasileiras. A ciência no Brasil, de maneira parcial e até mesmo injusta, é vista como algo que está à margem das ciências desenvolvidas no resto do planeta, ou pelo menos, diante do continente europeu, não significando a incapacidade do brasileiro em fazer ciência, mas sim, na quantidade deste país em produzir conhecimento de cunho científico. “Boa ciência é certamente feita por aqui, mas em escala menor.” (CRUZ, 2012, p.272).

Em relação às publicações acerca de estudos das religiões no campo brasileiro, pode-se dizer que na década de 1990, houve uma ascensão de obras que tinham como intuito, esclarecer o leitor brasileiro a respeito das religiões tanto numericamente cultuadas quanto aquelas que possuíam um grau de menor adesão pelos que viviam no Brasil, tendo como instrumento para divulgação, os manuais da história das religiões, onde podemos enfatizar autores como Karen Armstrong, Jostein Gaarder e John Bower, que contribuíram para um elucidar acerca da historiografia das religiões, sem tomar uma posição apologetica de cunho ideológico ou religioso a respeito de uma ou outra religião.

Sendo o Brasil, um país onde a existência de diversas religiões consiste em uma realidade evidente, tanto para aquele que se debruça ao estudo destas, quanto àquele que apenas a cultua, assim também como o sincretismo religioso não só está no campo teórico, mas sim, é constatado de maneira empírica, é evidente que o panorama religioso brasileiro,

além de ser muito rico para o seu estudo, é de uma complexidade em grande escala. E é justamente nesta riqueza e complexidade, que se dá o entrave no campo de pesquisa em terras brasileiras, pois aqui, é evidente no âmbito acadêmico a não total, mas quase falta de pesquisas empíricas com o intuito de elucidar toda esta gama religiosa que permeia as terras brasileiras.

Isso posto, é possível sim, pensar um estudo de uma religião dentro da esfera científica, onde há um objeto a ser perscrutado, um método a ser seguido e onde as respostas ofertadas não estão direcionadas a uma fé, mas sim, voltadas a uma busca empírica de saberes religiosos, sem ofender e muito menos, promover uma descrença para com seus fiéis.

2 O método como norte ao conhecimento na Ciência da Religião

Após explanar no capítulo anterior, como a Ciência da Religião se constitui como um saber científico, que por consequência, utiliza de dados empíricos para atingir seu objetivo, é imperioso neste momento, explanar a ferramenta utilizada por esta na aquisição de seu saber; ferramenta esta, denominada de método.

Contudo, cabe aqui, direcionar o leitor, não somente para a relevância do método em um saber científico, principalmente no que se trata de uma Ciência da Religião, mas também, elucidar este, na compreensão histórica e etimológica, assim como, evidenciar quais pensadores ressaltaram o método como uma ferramenta imprescindível tanto para a aquisição de um saber quanto para a construção de uma ciência, que consequentemente influenciou, assim como impulsionou a edificação de uma ciência direcionada ao estudo da religião (s).

Assim como é evidente que a Ciência da Religião é constituída de elementos que promovem nesta, um caráter científico fazendo assim, com que a busca pelas respostas, sejam amparadas em bases sólidas, livre de interpretações subjetivas ou até mesmo falaciosas, esta, para atingir seu fim, necessita assim como toda ciência, de um “guia” para não somente nortear, mas também, oferecer subsídios que tanto buscarão fundamentar quanto alicerçar suas respostas perante aquilo que a constitui seu campo de produção.

Usar da ciência para buscar conhecimento sem fazer referência ou muito menos utilizar de um método, é o mesmo que proceder a uma busca sem um norte, é buscar algo onde não se sabe por onde começar, por qual passagem percorrer e, se há várias delas, qual o melhor e mais eficiente caminho a ser traçado dentro do universo epistemológico em que o cientista está inserido, pois o método como um norte para a busca de um conhecimento científico é mais do que oportuno, faz-se por necessário.

Falar em método é remetermos ao conceito deste, pois é por meio do entendimento da etimologia da palavra, é que poderemos compreender a importância desta ferramenta na ciência. Aqui vale ressaltar o leitor, de que o conceito acerca da concepção de método apresentado a seguir, será utilizado durante todo o presente trabalho.

O termo método em sua etimologia está vinculado ao conceito grego *hódos*⁷, onde possui por objetivo, “conduzir” o pesquisador a um caminho preestabelecido, com um determinado fim já sugerido antecipadamente pelo pesquisador. Outro ponto de relevância ao se tratar do método, é que este, é composto por um conjunto de regras e normas estabelecidas

⁷ ὁδός: “Caminho”. José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, Tomo III, p. 1962.

no momento de sua edificação, portanto, ao se aplicar um determinado método a uma determinada pesquisa, o cientista conscientemente, não obterá um resultado ao acaso ou muito menos à sorte. É justamente neste ponto, em que o método possui mais do que uma mera relevância no campo científico, pois é por meio dele, que todo conhecimento gerado pela ciência se sustentará, ou seja, pelas normas e regras nas quais guiarão o pesquisador a atingir um conhecimento seguro, livre de uma fatalidade ou até mesmo de um acidente.

Apesar de o conceito método ter sido edificado na Grécia antiga, este foi tanto se estabelecer como uma “ferramenta” fundamental para nortear a pesquisa, como se estruturar quanto base para toda investigação científica e filosófica, somente no período moderno de nossa era, onde a utilização deste foi manipulada e perscrutada tanto por filósofos quanto pelos cientistas.

Isso posto, faz-se por necessário, apresentar ao leitor, nomes que contribuíram para a promoção do método na esfera científica e que serão trabalhados na presente pesquisa, sendo eles, Francis Bacon e René Descartes; pensadores que focaram e enalteceram a importância deste na geração de um conhecimento, levando assim adiante, a tarefa e o desejo em aplicá-lo com um fim a atingir um conhecimento fundamentado e verdadeiro, que apesar de terem nascidos em países distintos, com cultura, religião e até mesmo perspectivas acerca do real, muitas das vezes diversas, tinham um interesse em comum, isto é, desenvolver um conhecimento verdadeiro com bases sólidas, utilizando e pondo em destaque o método. Falar de Francis Bacon e René Descartes, não é somente adentrar na esfera filosófica, mas também em toda gama do saber científico, pois ambos contribuíram de maneira significativa para a edificação de uma ciência fundada em bases sólidas e com um “norte” a seguir.

2.1 Bacon e Descartes: os doutores do método

Nascido em York House in Strand, na Inglaterra do ano de 1.561, Bacon foi privilegiado por ter sido inserido desde cedo na corte, onde seu pai Sir. Nicolau Bacon era lorde Guarda-Selos da Rainha Isabel. Frequentou a universidade de Cambridge, onde após estudar Aristóteles, ficou decepcionado com a estrutura metodológica do Filósofo, pois para este, apesar de afirmar que Aristóteles tinha sim um grande valor, segundo o filósofo inglês, sua filosofia não contribuía para a evolução da vida humana.

Considerado um dos filósofos mais citados ao se tratar tanto da história da filosofia da ciência quanto da importância da aplicação de um método, Bacon é aclamado com sua grande obra intitulada de *Novo Órganom*, na qual, é composta por um prefácio e seguido de dois livros, escritos em aforismos. Seu título refere-se justamente em contrapor a obra de Aristóteles (*Órganon*), mostrando e criando assim, oposições à obra do filósofo de Estagira.

O cerne da obra de Bacon consiste em descobrir uma maneira para angariar um conhecimento seguro, como afirma o autor Sérgio Hugo Menna na apresentação da obra do filósofo, publicada pela editora Edipro: “O núcleo, o eixo central do Novo Órganom é o “instrumento” para descobrir e justificar conhecimento- isto é, o que hoje chamamos de “método científico.” (MENNA, 2014, p. 11).

Desde o início de sua obra magna, Bacon enfatizava a importância em encontrar um caminho para atingir um saber fundamentado, para que então, houvesse a possibilidade do homem dominar a natureza; a ciência não pode partir sem um destino; não faz parte da composição do saber científico, adquirir um conhecimento sem um “norte”, sem uma direção, assim como não faz menção à ciência, um conhecimento superficial e infundado. É justamente o método que proporcionará o fundamento de um saber, ou como nas palavras do próprio filósofo: “Precisamos de uma linha para guiar os nossos passos; e todo o caminho, desde as primeiras percepções do sentido, deve ser feito com certo método” (BACON, 2014, p. 23). Bacon é enfático ao se retratar da relevância do método como um “guia” para atingir um conhecimento, pois sem este, até as mais brilhantes mentes tendem a se perderem na jornada que se empenham na busca do saber.

Como diz o ditado, um homem coxo no caminho certo vence o corredor que se perde pelo caminho. Está absolutamente claro que, se você for pelo caminho errado, quanto melhor e mais veloz você for, mais se desviará. (BACON, 2013, p. 62).

Após enaltecer a importância de um método para a edificação de um saber fundamentado, o filósofo inglês parte para a explanação do procedimento, isto é, como o método deve ser usado para atingir o objetivo proposto. O filósofo inicia-se propondo um processo de pesquisa composto por duas partes, tendo como a primeira, uma extração de axiomas⁸ provenientes da experiência e como uma segunda parte, a dedução e derivação de novos experimentos provenientes dos axiomas desvelados.

Da primeira parte do método, Bacon responderá que o único meio de extrair axiomas da experiência consiste na indução⁹, não a indução clássica aristotélica, pois para o filósofo, esta passaria muito rapidamente pela experiência, direcionando assim, suas provas por mero silogismo¹⁰:

Os lógicos mal parecem ter pensado sobre a indução. Eles passam por ela com apenas uma menção e se apressam a fim de chegar a suas fórmulas para os debates. Mas nós rejeitamos a prova por silogismos, porque ela opera em confusão e permite que a natureza escape de nossas mãos. (BACON, 2014, p. 29).

Sendo assim, com o objetivo de alçar um conhecimento claro, fora de obscuridades, Bacon partirá da indução por eliminação, onde este edificará três etapas para atingir seu objetivo, etapas estas, que possuí seu início com a denominada “tábua de presenças”¹¹, ou seja, uma compilação da presença do objeto estudado em suas diversas aparições e instâncias. Já a segunda etapa, consiste na “tábua das ausências”¹², na qual seriam registrados, fenômenos semelhantes ao objeto pesquisado, mas que não fariam parte deste. Confeccionado a tábua das ausências, parte-se para o que Bacon denominou “tábua dos graus”¹³, onde consistiria no registro da intensidade em grau maior ou menor dos fenômenos pesquisados.

Articulado e explanado a importância do uso das três “tábuas”, o filósofo direciona seu esforço à indução propriamente dita, onde seguirá utilizando o procedimento da exclusão.

Partindo do preceito da exclusão, Bacon a utiliza justamente para alertar o intelecto dos possíveis erros encontrados nas hipóteses edificadas pelas três “tábuas” elucidadas acima;

⁸ αξιωμα: “o que é digno de ser estimado, acreditado ou valorizado”. José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, Tomo I, p. 243.

⁹ “... o avanço se dá do particular para o universal (ou melhor, do menos universal para o mais universal)” . José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, Tomo II, p. 1497.

¹⁰ Aristóteles definiu o silogismo do seguinte modo “Um silogismo é um argumento no qual, estabelecidas certas coisas, resulta necessariamente delas, por serem o que são, outra coisa distinta das antes estabelecidas.” José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, Tomo IV, p. 2679.

¹¹ “Tábula presentiae”. Giovanni REALE; Dário ANTISERI, História da Filosofia, Volume II, p.342.

¹² “Tábula declinations sive absentiae in próximo”. Giovanni REALE; Dário ANTISERI, História da Filosofia, Volume II, p.342.

¹³ “Tábula graduum”. Giovanni REALE; Dário ANTISERI, História da Filosofia, Volume II, p.342.

o procedimento da exclusão ou também assim chamado de eliminação, parte do princípio de que é por meio deste, que se eliminará toda hipótese falsa, culminando assim no que o filósofo denomina de “primeira colheita”¹⁴, que na concepção deste, seria a primeira hipótese coerente proveniente das três tábuas articuladas pelo pensador. Contudo, para Bacon, o conhecimento realmente se estruturará após a “primeira colheita”, que servirá como um guia para perscrutar um conhecimento, pois, é por meio desta, que se seguirá uma dedução¹⁵ e uma experimentação da hipótese até então aceita como algo plausível de credibilidade, ou como cita Giovanni Reale e Dário Antiseri:

Chegando à primeira colheita, Bacon toma essa primeira hipótese como guia para a pesquisa posterior, que consiste na dedução e no experimento, no sentido de que, da hipótese obtida, devem-se deduzir os fatos por ela implicados e previstos, experimentando em condições diversas se tais fatos implicados e previstos pela hipótese se verifica. (REALE; ANTISERI, 2005, p. 344).

Ora, a contribuição de Bacon para a edificação de uma ciência que tanto se fundamenta quanto necessita de um método para chegar a um saber é inegável, pois este, não só arquiteta uma nova forma (método) de angariar informações (por meios das “tábuas”) e a partir destas, eliminar todo conteúdo maculado pelo falso saber (procedimento de exclusão ou eliminação), chegando assim, em hipóteses coesas (“primeira colheita”), que proporcionarão um “norte” para afirmá-las ou até mesmo refutá-las, Bacon direciona um novo rumo tanto para a filosofia quanto para a ciência, no que diz respeito à aquisição do saber, mostrando que é pelo método que a humanidade não somente descortinará suas inquietações, mas também poderá dominar a natureza e tudo aquilo que a cerca.

Assim como citado acima, outro pensador que tanto enfatizou quanto buscou no método, uma fonte segura de conhecimento e que como Bacon, norteou um novo rumo a discussão e promoção do conhecimento, foi o pensador francês René Descartes, que em sua obra *O Discurso do Método*, edificou e estabeleceu um novo procedimento para a aquisição de um conhecimento claro e seguro.

Nascido em La Haye, na Tourenne na França, no ano de 1596, Descartes, assim como Bacon, recebeu uma educação de elite, pois este, advindo de família nobre, onde seu pai era conselheiro do parlamento da Bretanha, estudou no colégio jesuíta La Flèche, considerado na época, uma das maiores instituições educacionais existentes, na qual proporcionou ao

¹⁴ “Vindemiatio prima”. Giovanni REALE; Dário ANTISERI, História da Filosofia, Volume II, p.343.

¹⁵ “É um processo discursivo e descendente que passa do geral para o particular.” José Ferrater MORA, Dicionário de Filosofia, Tomo I, p. 646.

filósofo, uma formação filosófica e científica de alto nível. Porém, o pensador não ficou satisfeito com os conhecimentos adquiridos no colégio, não que este tenha desprezado a educação recebida, mas houve sim, uma frustração por parte do filósofo, ao perceber a falta de um método que direcionasse e ordenasse as ideias para então, atingir um conhecimento verdadeiro.

É justamente com essa prerrogativa, que o filósofo publicou em 1637 a sua grande obra, *O Discurso do Método*, na qual edificou regras para se galgar à verdade, ficando estas assim conhecidas, como a regra do método. O objetivo de Descartes, não era confundir e dificultar o intelecto acerca da busca pela verdade, mas justamente o contrário, este tinha como meta, criar um método capaz de auxiliar e facilitar o entendimento na busca de um conhecimento seguro e sólido, proporcionando assim a quem o aplicasse, um “caminho” capaz de alertar e “bloquear” o que muitas das vezes, a mente concebe por verdadeiro o que em verdade é falso. Já no início da primeira da regra do método, Descartes aponta para uma já suposta necessidade de algo para guiar o intelecto: “Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem” (DESCARTES, 1987, p. 29), ou seja, só é possível aplicar a capacidade investigativa, se houver algo em que o intelecto possa se guiar.

Um ponto de extrema relevância ao se tratar do método cartesiano e que vale ser enaltecido, consiste em que este, não objetivava oferecer um conhecimento verdadeiro de imediato, mas faria sim, com quem o aplicasse “caminhar” paulatinamente a um saber direcionado a verdade. O filósofo francês, primeiramente busca arquitetar um método que fugisse das três áreas debruçadas por este anteriormente; áreas estas que consistia na lógica, na geometria e na matemática. Essa “fuga” não representou um distanciamento total para com essas áreas do saber, Descartes as utilizou absorvendo o que estas ofereciam de vantagem e descartando aquilo em que na sua concepção vinha a ser falho, para que então pudesse edificar um novo método para o saber: “Por esta causa, pensei ser mister procurar algum outro método que, compreendendo as vantagens desses três, fosse isento de seus defeitos.” (DESCARTES, 1987, p. 37). Assim sendo, seu grande plano acerca da constituição de um método para galgar a um conhecimento seguro, começou a ser edificado.

O filósofo francês parte do princípio de que, para poder alcançar um saber sólido, isento de “falsas verdades”, era imperioso conceber como conhecimento seguro, somente aquilo em que seu intelecto corrobora-se como um saber verdadeiro, ou seja, é inconcebível para o método cartesiano, acatar como verdade, aquilo em que a inteligência não concebe como tal. Portanto, é justamente neste “ambiente intelectual” , assim como, nesta perspectiva

epistemológica, que o filósofo francês se debruça para edificar e estabelecer o seu método de busca da verdade.

Sendo assim, a primeira regra do método cartesiano, consiste justamente em só aceitar um conhecimento como verdade, se este, adentrar em seu intelecto de maneira clara e distinta, isto é, um conhecimento isento de dúvidas e enganos.

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. (DESCARTES, 1987, p. 37).

Já na primeira regra do método, Descartes aponta para um cuidado com aquilo em que o intelecto concebe por verdade. Para o filósofo, é imprescindível perscrutar e analisar se o conhecimento que adentra a mente humana, realmente possui um caráter de veracidade; só posso aceitar como verdade, aquilo em que este (intelecto) concebe de maneira clara e distinta, ou seja, aquilo em que não está maculado pela dúvida.

A primeira regra do método cartesiano, possui como função, oferecer um “alicerce” para as demais em que o filósofo irá edificar posteriormente, pois nesta, está fundamentada o bojo para um caminho que deverá ser percorrido para atingir um conhecimento claro e seguro, conhecimento este, que não deverá estar sombreado pela dúvida ou incerteza.

Se esta regra arquitetada pelo filósofo francês, almeja “clarear” e “alertar” o intelecto acerca dos falsos saberes, talvez, seja possível também aplicá-la em outras áreas do conhecimento, que não seja somente no campo filosófico. Assim como a ciência busca um conhecimento com bases sólidas, seguras e longe de falsidades, esta também, irá necessitar de um método investigativo para “nortear” sua averiguação; método este, que pode não estar enquadrado explicitamente no modelo cartesiano, ou até mesmo no método baconiano de busca pela verdade, mas que possivelmente carrega consigo (diretamente ou mesmo, indiretamente), o ideário tanto da primeira regra do filósofo francês, quanto do *Novo Órganon* do filósofo inglês.

Assim também, não seria diferente ao se tratar da Ciência da Religião, pois como uma ciência, esta igualmente deseja alçar um saber baseado em dados não subjetivos, aleatórios e até mesmo infundados; seu objetivo consiste justamente em explicitar um saber fundamentado em dados comprovados de âmbito empírico. Para isso é mister ao cientista da religião, a aplicação de um método (s), pois será somente por meio deste (s), que se chegará à um conhecimento de cunho científico.

Ora, se a Ciência da Religião absorve, utiliza e até necessita de métodos para alçar um saber em uma perspectiva racional, empírica e sistemática, fugindo assim do senso comum e utilizando deste para “guiar” suas pesquisas a um caminho seguro, livre de falsas respostas, talvez Descartes e Bacon estejam mesmo que implicitamente na Ciência da Religião, principalmente no que diz respeito ao filósofo francês e sua primeira regra do método. Mas, para realizar e demonstrar essa suposta relação é imprescindível, elucidar e compreender primeiramente, como o método (s) está entrelaçado à Ciência da Religião.

Ao se retratar acerca do método na Ciência da Religião, deparamos com um problema de uma envergadura grandiosa, pois nesta área do saber científico, descobrimos que esta ciência, não trabalha somente com um método singular; é possível encontrar métodos diversos para a aquisição do saber dentro da esfera científica religiosa. Ao se referir ao método na Ciência da Religião, devemos estar conscientes que estamos adentrando em um campo plurimetodológico, isto é, uma área, onde a existência e a possibilidade em aplicar métodos diversos dentro do campo de pesquisa é uma realidade comprovada e que estes, não devem ser compreendidos como uma regra imutável e inquestionável, pois podem e devem ser discutidos e até mesmo colocados à prova acerca de sua funcionalidade: “Esses não devem ser entendidos como leis imutáveis, mas como guias e exemplos das práticas ou padrões estabelecidos, porém dinâmicos.” (ENGLER; STAUSBERG, 2013, p. 64).

É justamente nesta peculiaridade dentro das ciências humanas e principalmente na esfera da Ciência da Religião, onde deparamos com métodos diversos para “guiar” as pesquisas, é que devemos compreender que estes, possuem características que devam ser lembradas ao aplicar a um objeto de estudo; características estas, que evidenciam mais uma vez, que o método não pode ser “engessado”, pois em determinadas pesquisas, alguns destes, são tão mais produtivos quanto mais úteis em relação a outros, assim como, não cabe ao método, impor um aspecto universal de sua funcionalidade, pois estes possuem limites em relação a sua forma de guiar a pesquisa, o que faz com que este nem sempre comungue com uma determinada pesquisa, assim como também não garantam o êxito no momento de sua aplicação, sendo, portanto passíveis de críticas e refutações, ou seja, são susceptíveis ao enfraquecimento, podendo assim, serem substituídos por outros que possam guiar melhor a pesquisa. Porém, com todas essas peculiaridades e adversidades acerca do método na esfera científica religiosa, estes não o isentam no incentivo e na promoção da criatividade, na capacidade de estabelecer um conhecimento sólido. Engler e Stausberg explicitam de maneira bem clara a funcionalidade do método: “Esses não devem ser entendidos como leis imutáveis,

mas como guias e exemplos das práticas ou padrões estabelecidos, porém dinâmicos.” (ENGLER; STAUSBERG, 2013, p. 64).

Outro ponto em que devemos nos ater ao se tratar do estudo do método dentro da Ciência da Religião, está na distinção do que denominamos de método qualitativo e método quantitativo, pois ambos possuem perspectivas distintas em sua aplicabilidade. Ao falarmos do método quantitativo, estamos adentrando a uma esfera de “guia” de pesquisa que utiliza dados numéricos, estatísticos, assim como foca suas perguntas, em uma perspectiva de cunho fechado, não abrindo, portanto, para a subjetividade do pesquisado, o que proporciona assim, um distanciamento do objeto de pesquisa.

Já o método qualitativo, possui como objetivo, utilizar deste, para um “guiar” menos “engessado”, ou seja, consiste o fundamento deste método, analisar seu objeto de pesquisa em uma perspectiva que leva em consideração a subjetividade do pesquisado, onde as perguntas possuem um caráter mais aberto e flexível, dando ênfase não aos dados coletados de forma “numérica”, mas buscando adentrar na significância da experiência daqueles que são investigados, tendo assim, uma relação mais direta e menos categórica para com estes.

Apesar da impopularidade do método quantitativo na esfera da Ciência da Religião, alguns pesquisadores apoiam a utilização de ambos na composição de uma pesquisa, isto é, uma combinação tanto do método quantitativo quanto do qualitativo, promovendo assim neste amálgama, o que se denomina de método misto.

Contudo e a despeito do método ser fundamental para “guiar” o pesquisador a uma suposta resposta e que na esfera deste, é explícito a existência de duas vertentes distintas para uma pesquisa, assim como, também é evidente a possibilidade de mesclá-los, o método necessita de critérios para garantir sua funcionalidade e aplicabilidade.

A grande questão abordada neste âmbito está na capacidade do método possuir sua validade, ou seja, é imprescindível garantir a legitimidade da pesquisa e para isso, é necessário estabelecer parâmetros de excelência nas quais proporcionarão um sustentáculo para garantir tanto a qualidade quanto a veracidade da pesquisa.

É comum estabelecer os critérios de validade na esfera científica, com três conceitos trabalhados pelos cientistas, nas quais estes garantirão a excelência na aplicabilidade de um método. São eles, a confiança, a validade e generalizabilidade.

Contudo, cabe ao cientista, buscar averiguar e questionar se esses critérios estão conduzindo a pesquisa em uma perspectiva de excelência ou se ambos estão tendendo a um caminho falacioso e subjetivo.

Primeiramente, é função do cientista, indagar sobre a problemática da confiança, ou seja, na capacidade do método em garantir uma estabilidade em relação à resposta adquirida, ou seja, a competência deste, em assegurar uma sequência de resultados igual ou pelo menos, semelhante, caso seja tanto aplicado em períodos distintos quanto por pesquisadores diferentes dentro da mesma esfera indagada. Outro ponto a ser questionado, consiste no critério de validade, isto é, o problema está na possibilidade de tanto a teoria quanto os dados coletados, oferecerem uma relevância acerca do objeto estudado. E por fim, adentramos na generalizabilidade, na qual, é papel do cientista buscar responder se o resultado obtido de uma determinada investigação também é aplicável a outras formas de pesquisa, que não se resume somente naquela indagada pelo cientista.

Portanto, é indiscutível o esforço que parte do cientista para assegurar a validade de um conhecimento científico, o que não cabe a este, guardá-la para si, faz-se por necessário, uma promoção e discussão daquilo que foi averiguado; aqui, cabe ao cientista, promover a sua pesquisa e discuti-la primeiramente dentro do meio científico, que poderá ocorrer em publicações como revistas e apresentações em congressos, para que posteriormente, esta possa ser publicada a uma esfera mais generalizada. Contudo, há também outro caminho para a validação de uma pesquisa, que é conhecido no meio científico por triangulação. Esta estratégia consiste na possibilidade de se usar em uma pesquisa, tanto múltiplos métodos quanto mais de uma fonte de pesquisa dentro do objeto estudado, ou seja, aqui há uma visão múltipla de métodos e dados coletados na pesquisa científica.

Todo esse cuidado acerca da validade de uma pesquisa está diretamente ligado ao seu método, ou seja, na capacidade deste, em oferecer dados empíricos confiáveis. É importante ressaltar, que para que o método seja aceito dentro do âmbito científico, faz-se necessário por parte deste, passar pelo crivo de alguns critérios mencionados acima.

Contudo, antes de finalizar a explanação sobre o que é e qual a relevância do método na esfera científica, é imprescindível explicar que é por meio deste, que a teoria é tanto posta à prova quanto reforçada como um conhecimento válido, isto é, esta, consiste em conjuntos de informações que muitas das vezes, são edificadas pelos métodos experimentais, onde são coletados dados que confirmam ou negam determinada teoria. Portanto, ao se referir a teoria, não se pode compreendê-la como um conhecimento que possui um grau de veracidade absoluta, pois, em alguns momentos, estas são defendidas e promovidas pelos seus dados coletados empiricamente, mas que por outro lado, muitas das vezes, são refutadas pela aplicação e demonstração fundamentado na experiência, sendo assim, passíveis de revisão ou até mesmo contestação.

No método científico, “teoria” refere-se a um conjunto de afirmações (axiomas, hipóteses e resultados experimentais) que estão sendo constantemente testadas e revisadas pela verificação e falsificação empírica. (ENGLER; STAUSBERG, 2013, p.69).

Portanto, como cita os autores Steven Engler e Michael Stausberg, a teoria científica, não é estática ou imutável; apesar dela se constituir de hipóteses e axiomas, esta também carrega consigo, procedimentos extraídos empiricamente e que é por meios destes, que ela será posta a prova de sua veracidade, podendo assim, perpetuar como resposta a um objeto de pesquisa ou ser falseada e substituída por outra que responda melhor a inquirição proposta.

É justamente no método, que se dá a relevância de um conhecimento científico, pois é por meio dele, que o processo de aquisição de um saber, dentro da esfera científica será estruturado, fundamentado (mesmo possuindo a total clareza de que o resultado obtido, não pode ser vislumbrado como um saber inquestionável), e até mesmo questionado; sem o método, tanto não há a possibilidade da ciência se estruturar como um conhecimento válido, quanto de edificar uma teoria, pois esta, só é construída devido à existência de um método que proporcionou a sua criação.

Assim como a ciência necessita do método para construir seu saber, este também exige certa “atenção” por parte de quem o aplica, pois o método por si só não viabiliza a aquisição de um conhecimento; é necessário que haja uma mente, que não somente o articule, mas o perscrute, assim como o aplique de maneira eficiente. Descartes pode ser considerado um destes, que utilizou seu intelecto não só na edificação de um método, mas também, contribuiu em seu estudo e aplicação.

A Ciência da Religião é uma disciplina acadêmica, que como a própria nomenclatura diz, utiliza do conhecimento científico para buscar um saber dentro da esfera da religião, sendo, portanto, uma área que necessita do método (s), para atingir seu fim. Sendo esta, uma disciplina científico-acadêmica, que emprega o método como ferramenta fundamental para seu objetivo e sendo Descartes uma das mentes que contribuíram para a edificação e utilização do método para galgar a um conhecimento sólido, isento de falsos saberes, há uma grande possibilidade de tanto a Ciência da Religião quanto o filósofo francês, com sua regra do método, dialogarem em prol do saber científico-religioso, sendo justamente o que o respectivo capítulo irá tratar.

3 Os “braços” de Descartes na Ciência da Religião

Após descrever o caminho histórico (traçado neste trabalho de maneira panorâmica) da constituição de uma ciência direcionada a perscrutar o fenômeno religioso, mostrando que o método, consiste em uma ferramenta indispensável a galgar-se a um saber de cunho científico, onde filósofos como Bacon e Descartes, contribuíram não na constituição de uma Ciência da Religião, mas no desenvolvimento e na aplicação do método como item imprescindível no norteamento de uma pesquisa direcionada a um saber sólido e fundamentado, gerando assim, um apoio no campo científico-religioso no que diz respeito à ferramenta utilizada por esta na busca de um saber, chega o momento de o presente trabalho, fazer jus ao seu título; “mostrar” como Descartes pode estar portando em seus “braços”, a Ciência da Religião, no que diz respeito exclusivamente aqui a sua primeira regra do método, isto é, o objetivo aqui, consiste em apresentar ao leitor, o possível diálogo da Ciência da Religião com a primeira regra do método cartesiano, partindo primeiramente de uma abordagem de cunho genérico, elencando discursos de determinadas obras de referência no campo científico religioso, que possuam “traços” ou referências da relevância em de um método (s) para um conhecimento, ou seja, o presente capítulo, terá como direcionamento primário, uma linha global do diálogo a ser estabelecido, sendo portanto este, o prelúdio na qual posteriormente, serão abordados diálogos de cunho mais técnico e específico, direcionado propriamente à relação da primeira regra do método cartesiano com a Ciência da Religião.

Iniciar uma investigação no âmbito de um método qualitativo, na qual se inclina a um diálogo entre Filosofia e Ciência da Religião, nem sempre é uma tarefa fácil de ser executada, principalmente no que diz respeito ao seu início, isto é, o ponto de partida de sua averiguação.

Partindo então, da explanação do parágrafo acima, o presente trabalho tomará como ponto de partida, a possibilidade em vislumbrar, mesmo que uma centelha, um direcionamento a uma relevância a Descartes e sua regra do método na obra organizada pelo professor e cientista da religião Frank Usarski, obra esta, intitulada: *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*, onde, são abordadas várias áreas do saber que dialogam e contribuem para uma Ciência da Religião mais completa e menos “engessada”; digo “engessada”, no sentido de que esta ciência por si só, sem tanto absorver os saberes de outras áreas do conhecimento, quanto de dialogar com essas, acaba por desenvolver uma leitura um tanto singela e muito unilateral acerca do objeto estudado, portanto aqui há a necessidade do cientista da religião travar um diálogo com outras áreas do saber, para que este possa não

somente ampliar a leitura daquilo em que pesquisa, mas produzir um resultado mais fundamentado e livre de respostas isoladas dentro de uma só perspectiva.

No capítulo intitulado de *A sociologia da religião*, antes mesmo da autora Maria José Rosado Nunes, explicitar a origem histórica de uma ciência social direcionada ao estudo religioso, esta, traça um panorama do apogeu da própria sociologia, que teve como influências para o seu nascimento, fatores sociais, econômicos e políticos, que consequentemente ocasionaram também, mudanças na concepção de como a religião era encarada naquele momento, mudanças estas, que compuseram o núcleo para a edificação de uma sociologia da religião.

Assim posto, que a sociologia da religião teve como sua “geradora”, a sociologia propriamente dita e que vários fatores contribuíram tanto para a promoção desta, quanto de extensões ou ramificações disciplinares (incluindo a sociologia da religião), é possível averiguar a contribuição, segundo a autora, de Descartes, assim como sua regra do método, na promoção e construção de uma ciência direcionada à averiguação de problemas de cunho social, político, econômico, assim como, posteriormente, religioso.

As transformações ocorridas no campo político, graças à Revolução Francesa, e na economia, graças às inovações tecnológicas que criam uma nova divisão de trabalho e novas classes sociais, fundam as bases de possibilidade para profundas alterações filosóficas. Surge uma das mais importantes criações da Modernidade: a figura do “indivíduo”, sujeito de direitos, “dono do próprio destino” dentro de uma concepção liberal de humanidade, extensiva e abstrata. Constitui-se o Estado moderno. Filósofos e pensadores da época criticam o princípio de autoridade como fonte de conhecimento. O racionalismo cartesiano propõe uma interpretação do mundo que tem como base o indivíduo. Instala-se o reino da razão, informado pelas regras do método, oposto às verdades cujas bases são a tradição e a revelação. (NUNES, 2007, p.100).

O impacto dessas ideias sobre a religião é enorme e se faz sentir em vários níveis. (NUNES, 2007, p. 100).

Portanto, é possível constatar, mesmo que não diretamente, uma contribuição de Descartes e seu método para a Ciência da Religião, pois como foi dito anteriormente, este saber científico, não se compõe de maneira isolada na constituição e promoção de um conhecimento empírico de âmbito religioso (ou mesmo de qualquer outro âmbito), mas dialoga com outras áreas que a auxiliam na compreensão e aquisição deste saber. A autora do capítulo enfatiza claramente a contribuição do filósofo francês e seu método, como um dos fatores para uma promoção da sociologia como disciplina científica.

Ora, partindo do raciocínio de que a sociologia da religião é uma disciplina que possui como fonte de origem a sociologia em si e que ambas possuem como uma de suas bases epistemológicas a contribuição tanto de Descartes quanto de seu método para atingir seus objetivos e que assim também, ambas não somente dialogam, mas contribuem significativamente para a obtenção de um conhecimento de cunho científico-religioso, podemos vislumbrar uma contribuição plausível e um diálogo salutar do filósofo francês e de seu método, naquilo que denominamos por Ciência da Religião, pois quando esta, “trava” um diálogo com ambas as ciências citadas acima, cabe ao cientista da religião, não apenas contemplar as estruturas e os métodos utilizados em ambas as ciências, mas sim, dialogar e absorver muitas vezes, estruturas epistemológicas de outras áreas, para que então, este aplique em seu objeto de pesquisa e atinja um resultado satisfatório. E é justamente com essa perspectiva de diálogo, que observamos em Descartes, em seu trabalho de oferecer um método, um estender de “braços” para com esta área do conhecimento.

Partindo do princípio, de que a Ciência da Religião se constitui como uma disciplina acadêmica, esta necessita de que seu objeto de estudo seja “encarado” não como algo subjetivo ou espontâneo, mas faz-se por necessário, colocá-lo em um ambiente científico, longe de formulações particulares e superficiais, culminando assim, em certo distanciamento da religião professada pelo pesquisador (caso este tenha alguma), no momento de sua averiguação, gerando assim, uma necessidade em adotar uma estrutura de pensamento e busca por respostas de cunho direcionado ao pensamento sistemático.

Nesse sentido, o pensamento sistemático sobre a religião é um produto da modernidade, mais precisamente uma consequência de mudanças ideológicas e sociológicas a partir do período pós-reformatório, mais tarde aceleradas no decorrer do movimento iluminista. (USARSKI, 2006, p. 18).

É com essa prerrogativa, que é possível encontrar na citação acima (encontrada na obra: *Constituintes da Ciência da Religião: Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*, escrito pelo pesquisador e professor de Ciência da Religião, Frank Usarski), referência a Descartes e seu método, pois, o método cartesiano nada mais é, do que uma forma de sistematizar a busca por um conhecimento, formato este, aderido também pela Ciência da Religião como forma de alçar um saber fundamentado do campo religioso.

Outro ponto onde é possível encontrar um conversa de Descartes com a Ciência da Religião, está no livro do autor Hans-Jürgen Greschat (*O que é Ciência da Religião?*), onde este, logo no segundo capítulo, aborda a discussão acerca da possibilidade de produzir

conhecimento dentro da esfera científico-religiosa. O autor explicita, deixando claro, que tudo aquilo em que não se pode conhecer, permanece no âmbito da especulação, ou seja, consiste em uma abordagem não metódica, nem empírica e muito menos clara, ou nas palavras do autor: “O que não se pode saber é objeto de especulação”. (GRESCHAT, 2014, p. 33)

Partindo do raciocínio de Greschat, abordado parágrafo acima, também é aceitável a discussão entre sua investida a respeito da possibilidade da aquisição do conhecimento por meio do método, com a concepção do filósofo francês acerca da obtenção de um saber, pois assim como Descartes decidiu acatar como conhecimento, somente aquilo que seria claro e evidente à sua mente, edificando um método para galgar a este, isolando tudo aquilo que fosse duvidoso, o cientista da religião alemão, também ressalta a importância de uma busca do saber religioso dentro de uma esfera científica, ou seja, ambos promovem uma defesa de que o conhecimento fundamentado e sólido, só é possível com um método de pesquisa; sem este, o homem caminha por meio de sua imaginação, que o faz chegar a qualquer “lugar” que queira; “lugar” este, que pode existir na mente de quem o busca por meio de fantasias ou devaneios, mas que só será aceita como um saber fundamentado, a partir de uma averiguação científica, com base em um método.

Outra abordagem, onde é mostrada a relevância do método (s) dentro da esfera da Ciência da Religião, está na obra: *As Ciências das Religiões*, dos autores Giovanni Filoramo e Carlo Prandi, que logo no início do livro, precisamente na premissa (*Ciência da Religião ou Ciências das Religiões?*), discuti-se a possibilidade da existência da singularidade ou não tanto do método de pesquisa quanto do objeto a ser pesquisado.

Quem fala de ciência da religião tende, de um lado, a pressupor a existência de um método científico e, do outro, também de um objeto unitário. Quem, ao contrário, como estes autores, prefere falar de ciências das religiões, o faz porque está convencido tanto do pluralismo metodológico (e da impossibilidade de reduzi-lo a um mínimo denominador comum) quanto do pluralismo do objeto (e da não liceidade e até impossibilidade, no plano da investigação empírica, de construir sua unidade). Entre esses dois extremos há duas soluções intermediárias. Assim, haverá quem fale de ciência das religiões ou, então, quem prefira falar de ciências da religião. (FILORAMO, 2016, p. 12).

Por mais que haja uma divergência de autores em relação à possibilidade de um método singular ou não na esfera científico-religiosa, assim como, uma divergência na abordagem acerca da existência tanto de uma ciência da religião quanto de umas ciências das religiões, fica evidente, que ambas as perspectivas acerca dessas possibilidades, não excluem

a significância do método para a obtenção de um conhecimento de cunho científico, sendo, portanto mais uma evidência, da presença do filósofo francês no que diz respeito ao método (s).

Partindo das explanações do presente capítulo, é possível conceber as evidências, tomando como referência os autores pesquisados e citados parágrafos acima, de que Descartes, contribuí para uma Ciência da Religião no que diz respeito à importância de um método (ou vários deles) na obtenção de um conhecimento seguro, e que este, não só enfatizou teoricamente a relevância deste para com seu objeto de pesquisa, mas aplicou-o com o intuito de atingir um fim, sendo justamente o que se faz a Ciência da Religião, pois é por meio da aplicação de um método (s), onde se tem uma abordagem empírica, baseada na conformação da racionalidade, que esta produzirá uma leitura acerca do objeto pesquisado, leitura esta, que foge da concepção metafísica da realidade, que é típica da teologia.

A partir dos parágrafos que se seguirão, adentraremos mais precisamente na relação da primeira regra do método cartesiano, com a Ciência da Religião, buscando assim, explicitar ao leitor, a possibilidade do diálogo entre ambos.

É mister, que dentro da esfera científica, a impossibilidade de se utilizar de um ou mais métodos para chegar a um resultado é algo inadmissível, pois sem este a ciência não passará apenas de especulações. Assim é também com a Ciência da Religião, pois como a sua própria nomenclatura explicita; uma disciplina direcionada as questões de cunho religioso, porém amparadas pelo discurso científico, isto é, um saber da religião (ou religiões) fundamentada pela ciência, que por sua vez, fundamenta-se em um método (s).

Assim sendo, o método ou métodos utilizados pela Ciência da Religião, faz-se de suma necessidade, pois é por meio deste (s) que esta ciência, se constitui como um saber sólido e fundamentado, tendo uma pertinência epistemológica e uma legitimidade científica, deixando de lado aquilo que não faz parte de sua esfera de pesquisa, ou seja, as especulações.

Após esclarecer a significância e a necessidade do método para uma pesquisa voltada à cientificidade do religioso, faz-se por necessário, apresentar a importância da aplicação do método para o conhecimento na concepção cartesiana.

O filósofo francês, não enfatizou ou muito menos, edificou a regra do método por puro “devaneio” ou mesmo capricho, este buscou construir uma forma para isentar o intelecto de toda dúvida ou falsa verdade que a mente humana pudesse criar. Para isso, Descartes edificou quatro regras, nas quais o auxiliaram na busca por seu objetivo, sendo a primeira delas, a de só aceitar como verdade aquilo em que a isenção de dúvida é evidente, ou nas palavras do

autor: “O primeiro era de o jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal”. (DESCARTES, 1987, p.37).

Ora, partindo desse ponto, é possível conceber que a primeira regra cartesiana, consiste no pilar para as demais, pois sem esta, fica claro a inviabilidade no campo científico em dar prosseguimento a uma pesquisa, indiferente da área a ser estudada, pois se partimos do princípio do não questionamento ou até mesmo da indiferença se algo está claro ou não naquilo em que meu intelecto indaga, partimos de uma concepção totalmente adversa à ciência.

E é justamente com essa prerrogativa, de buscar e direcionar um saber, onde só poderá ser aceito como conhecimento sólido, aquilo em que o intelecto concebe como tal, é que poderemos estabelecer um diálogo com a Ciência da Religião; diálogo este, que nos permite traçar e vislumbrar Descartes no conhecimento de cunho científico-religioso.

Como disciplina científico-acadêmica, a Ciência da Religião parte do princípio de que não somente há, mas sim como é possível, promover um saber dentro da esfera da religião, saber este, que está pautado pelo método empírico de averiguação e promoção do objeto pesquisado e que como ciência, não pode deixar de lado o caráter rigoroso de investigação, assim como, deve ter como princípio, a clareza do resultado obtido, fugindo assim, tanto da subjetividade quanto da impossibilidade em oferecer uma resposta clara e evidente acerca do objeto pesquisado. Tendo como base e princípio estas prerrogativas, pode-se concluir, que a base epistemológica (ou pelo menos seu prelúdio) da Ciência da Religião parte do princípio de que todo conhecimento adquirido pela pesquisa empírica dá-se pela concepção clara e definida daquilo em que se pesquisou, ou seja, todo saber que compõe o panorama científico-religioso, é um saber claro e fundamentado, que por consequência está alicerçado em um método (s), que por sua vez, fornece a esta ciência, um “norte” na aquisição de seus objetivos.

Se o saber dentro da esfera da Ciência da Religião, parte do princípio de um conhecimento claro e evidente, que foge assim, da mera especulação, é possível, vislumbrar o “entrelaçar dos braços” de Descartes nesta ciência, principalmente no que diz respeito a sua primeira regra de seu método; regra esta, que parte do princípio de que o intelecto humano não pode conceber como verdade, aquilo em que se está sombreado pela dúvida.

Para o pensamento cartesiano, a base que alicerça o conhecimento, parte da premissa de que este, em hipótese alguma, pode ser edificado sobre estruturas não consistentes, sendo de responsabilidade do próprio intelecto em rejeitar aquilo em que este não concebe como tal, isto é, o saber deve partir da premissa de que há uma fundamentação epistemológica clara e

sólida, onde é justamente que a primeira regra do método cartesiano tanto é aplicada quanto se faz por necessária.

O ato em aplicar a primeira regra do método cartesiano promove uma necessidade de alertar o intelecto acerca daquilo em que este concebe, ou seja, partindo do princípio desta regra, fica inaceitável a aceitabilidade de qualquer informação de cunho duvidoso acerca do objeto estudado. Descartes edifica a primeira regra de seu método com o intuito de fazer desta, um “filtro” para o que a mente humana absorve, filtro este, que é possível transportar para a Ciência da Religião.

Sendo uma disciplina acadêmica, cabe a Ciência da Religião, não somente perscrutar o objeto pesquisado, mas desenvolver uma leitura de caráter lógico e sistemático acerca daquilo em que busca responder, sendo assim, o leitor poderia questionar acerca da relação desta ciência com a primeira regra do método cartesiano, indagando onde estaria a relação desta com uma ciência voltada ao conhecimento de cunho científico-religioso.

Ora, como prelúdio a esta resposta, é possível esclarecer o leitor de que primeiramente, há uma relação de Descartes para com a Ciência da Religião, no que diz respeito à importância do método, pois ambos, a utilizam para nortear suas pesquisas, enfatizando que, sem este, a inviabilidade em atingir um conhecimento sólido e seguro em uma esfera científica, fica mais do que evidente. Partindo para a resposta da indagação que supostamente o leitor realizou no início do parágrafo, é possível respondê-la da seguinte maneira: assim como Descartes propõe para o próprio intelecto, por meio de sua primeira regra do método, a inaceitabilidade de uma informação duvidosa, rejeitando, portanto, qualquer informação que sua mente não conceba como um saber de cunho claro e evidente, a Ciência da Religião também assim o faz, isto é, esta área do conhecimento científico, carrega consigo o ideário de que a plausibilidade de um conhecimento, somente se dará, a partir da premissa de informações sólidas, coletadas pelo pesquisador, ou seja, se Descartes não aceita informações de ordem duvidosa, a Ciência da Religião também não.

Isto posto, a resposta dada ao leitor seria então, a de que, Descartes construiu um método, na qual sua premissa inicial (primeira regra), dialoga ou até mesmo contribui de maneira salutar para com a Ciência da Religião, pois sendo esta uma ciência, todo conhecimento deverá possuir um grau de aceitabilidade, onde, as falácias ou informações de ordem dúbia, devem ser rejeitadas pelo intelecto, premissa esta, que o filósofo francês tinha como base para sua pesquisa acerca da verdade.

CONCLUSÃO

Após explanar uma breve e panorâmica visão acerca da constituição de uma Ciência da Religião, assim como, mostrar ao leitor, como esta se constitui como uma disciplina científica, onde o método faz parte da composição desta para se atingir um saber de cunho sólido e fundamentado, onde filósofos como Bacon e Descartes, contribuíram não só para o desenvolvimento de um método no âmbito teórico, mas também, para uma aplicabilidade deste, proporcionando assim, um auxílio para que o cientista da religião possa hoje, nortear sua busca a um saber de cunho científico dentro da esfera religiosa, assim como, a possibilidade em dialogar de maneira salutar com esses pensadores, chega o momento da presente obra, realizar sua conclusão, mostrando assim, os resultados obtidos pela pesquisa realizada.

Partindo do princípio da introdução, onde esta, ressaltou a diferença entre uma mera opinião superficial, onde o desejo em desvelar o desconhecido situa-se em uma esfera sem importância, esta também, evidenciou que há um sim, um saber que contrapõe o não anseio por respostas claras e fundamentadas, saber este, que toma como base a Ciência da Religião, pois esta, parte do princípio, de que a possibilidade em desvelar elementos acerca daquilo em que se propõe a perscrutar, é possível.

Cabe a Ciência da Religião, adentrar e desvelar saberes que compõe a esfera religiosa, porém, não naquilo em que a impossibilidade de resposta é evidente; esta ciência busca responder sim, assuntos de cunho religioso, assuntos esses, que podem ser respondidos e que compõe o quadro epistemológico em que esta ciência se propõe a fazer.

Ora, como cabe a Ciência, galgar e edificar um saber sólido, esclarecido e longe de falsas evidências, compete também, a Ciência da Religião, um perscrutar acerca de respostas com a mesma base da Ciência, pois este saber compõe-se como uma área dentro da esfera científica. Portanto, a maneira de se chegar a um saber de cunho científico, está justamente na aplicabilidade do método, sendo então este, uma ferramenta mais do que importante para a o norteamento de uma pesquisa, podendo ser considerado, portanto, algo imprescindível na composição de um conhecimento científico, o que por sua vez, compõe-se também um instrumento necessário para a Ciência da Religião.

É sabido, que a Ciência da Religião, estrutura-se como um saber científico, e que o método torna-se uma ferramenta indissociável dentro deste saber, o que o faz ser um item a ser estudado e enaltecido para a obtenção de um conhecimento direcionado a perspectiva de cunho científico-religioso. Contudo, ao falarmos de método, este teve seu apogeu, no sentido

de averiguação, na Idade Moderna, onde Bacon e Descartes debruçaram para um estudo mais aprofundado desta ferramenta que compõe qualquer área da Ciência. No que diz respeito a Descartes, este edificou quatro regras para a obtenção de um conhecimento sólido e evidente, fugindo assim da mera especulação. E é justamente neste ponto onde é possível sim, encontrar evidências do filósofo francês, tanto no que diz respeito à constituição histórica de uma área que direciona sua pesquisa a um saber dentro da esfera científico-religiosa, quanto no envolvimento do método para atingir um resultado, sendo este, o ponto crucial do trabalho apresentado.

Descartes edifica quatro regras para se chegar a um conhecimento sólido, sendo a primeira delas, a base que estrutura as demais, onde é justamente nesta primeira regra, que se é possível travar um diálogo com a Ciência da Religião, pois, o filósofo francês, ressalta nesta, que o intelecto não pode acatar como conhecimento seguro, qualquer informação recebida, sendo portanto, a mesma concepção que o cientista da religião possui como princípio epistemológico, ou seja, as informações que adentram o saber da Ciência da Religião, não estão embasadas em especulações, esta ciência, assim como qualquer outra, não aceita a doxa como base para se obter um saber, mas sim, parte do princípio, de que é imprescindível, debruçar-se acerca daquilo em que se pesquisa, isto é, adentrar no âmago do problema, buscando assim, esclarecê-lo a partir de uma averiguação empírica, onde o método, faz-se por necessário, pois oferece um norte ao pesquisador, onde este, deseja assim como Descartes, promover e direcionar o intelecto a um saber com uma perspectiva clara, fundamentada e evidente, deixando de lado a doxa e buscando assim uma episteme.

REFERÊNCIAS

- BACON, Francis. *Novo Órganon: Instauratio Magma*. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2014. 255 p.
- DESCARTES, René. *Discurso do método: Coleção Os Pensadores*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 154 p.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. 165 p.
- HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010. 268 p.
- MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992. 360 p.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia: Tomo I (A-D); Tomo II (E-J); Tomo III (K-P)*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Bernardo J. *Francis Bacon e a fundamentação da Ciência como Tecnologia*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 282 p.
- PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio da Ciência da Religião*. 1ed, São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. 703 p.
- PRANDI, Carlo; FILORAMO, Giovanni. *As ciências das religiões*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016. 295 p.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. *História da Filosofia volume 2*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 950 p.
- USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião: Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006. 140 p.
- USARSKI, Frank. *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 308 p.